



Click
ou isto não é um preto
2020

Geovanni Lima
Maíra Freitas

O performer e artista visual Geovanni Lima vive e trabalha em Vitória, no Espírito Santo, e sua pesquisa centraliza o seu próprio corpo, sua subjetividade e as relações permeáveis que estes estabelecem com a sociedade. Seu processo criativo recorre persistentemente à memória – material e imaterial – de sua constituição enquanto sujeito negro em um país como o Brasil, que estruturalmente embranquece as experiências e deslegitima os saberes dissidentes.

É no processo de contomo e embate com os marcadores que seu corpo carrega – negro, gordo, LGBTQIA+ – que o artista vem construindo obras que ora escrutinam a violência, ora a devolvem simbolicamente, em um processo onde arte e vida, percurso de artista e constituição enquanto sujeito, são indissociáveis.

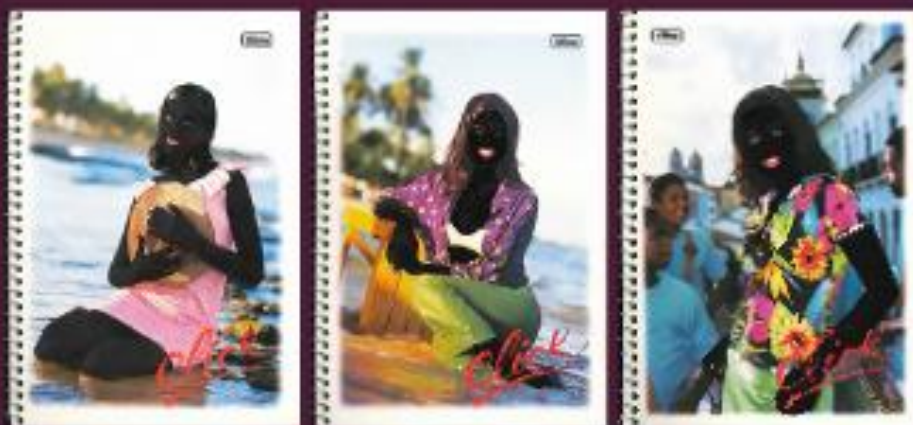


O ato de lembrar e, através da arte, ressignificar o passado, principalmente eventos vividos na infância e adolescência, retiram do privado aquilo que é estrutural, lançando para o público a violência social que precisa ser discutida publicamente, além de devolver à subjetividade do artista encaminhamentos para os traumas.

Enquanto performer, Lima destaca a presença da pele no corpo, desta pele negra. Em seu

trabalho atual, *Click ou isto não é um preto* (2020), o artista desloca o contorno corporal para outros suportes: cadernos escolares e revistas, interferindo em suas capas com pintura negra sobre a pele de modelos brancos.

A ação de pintar corpos brancos de negro, o blackface, prática violenta e colonial queretira a possibilidade de representatividade e protagonismo negro, quando



feita por um artista preto deflagra a denúncia sobre o branqueamento das imagens. Hackeando o sistema branco e torcendo a violência até ela se tornar ato político de enfrentamento, Lima cria visualidades desconcertantes.

A série *Click* ou isto não é um preto opera em uma chave *queer of color* que expõe a ferida colonial, através do exercício memorial de re-visitare as imagens que eram consumidas pelo

artista durante seu período escolar e atuar performativamente sobre elas. O próprio ato da pintura pode ser entendido aqui enquanto performance de resgate de violências simbólicas e devolução desta violência em imagens que, quando rasuradas, expõem a falta.

A resignificação do *blackface* atua para esvaziar o poder da ofensa e dobrar o



ato, tomando-o estratégia de exposição dos apagamentos dos corpos pretos nas representações visuais, tomados subalternos até mesmo dentro do regime das imagens. Essa voz subalternizada, em ato libertário de exposição das estruturas, cria imagens impossíveis para um passado memorial, mas possíveis dentro da contemporaneidade de um sujeito que já se (des)construiu enquanto preto em um país racista e que, agora, pode escavar as práticas

materiais e culturais de seu período fúncral de formação e devolver um incômodo que abala a pressuposta naturalidade dos corpos representáveis em produtos comerciais. O artista parece lançar uma questão na pele-papel dos cadernos: o que pode nosso corpo, para além do que disseram que nossa pele não podia?



Click os lábios não é um preto, volume 1, 01 a 10, 2020.
 Cartão fotográfico preto 4/ copo de cola, 14,5x21cm.



Geovanil Lima. Artista performer. Doutorado e Mestre (UNICAMP) e licenciado (UFES) em Artes Visuais. | @geovanilima1 | www.geovanilima.com.br

Maíra Freitas. Doutorado em Artes Visuais da Unicamp, em História, Teoria e Crítica; mestrado em Mult mídias pela Unicamp e graduado em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra. Arte-educadora, curadora e artista em processo. | @maira_freitas1985